

REFLEXÕES DO COMPANHEIRO FIDEL CASTRO SOBRE O PRESIDENTE DO EQUADOR, RAFAEL CORREA

Lembro-me de quando nos visitou, meses antes da campanha eleitoral, na qual pensava em se apresentar como candidato à Presidência do Equador. Tinha sido Ministro de Economia do governo de Alfredo Palacio, médico cirurgião com prestígio profissional, que também havia nos visitado na condição de vice-presidente, antes de chegar à presidência graças a situações imprevistas ocorridas no Equador. Ele tinha sido receptivo a um programa de operações oftalmológicas que lhe oferecemos como forma de cooperação. Existiam boas relações entre ambos os governos.

Correa, não havia muito tempo, quando ainda não era presidente, renunciara ao Ministério de Economia. Estava inconformado com o que qualificou de corrupção administrativa promovida pela Oxy, empresa estrangeira que investia somas importantes na exploração de petróleo no Equador, mas ficava com quatro de cada cinco barris extraídos. Não falou em sua nacionalização, mas em cobrar-lhe altos impostos, que seriam destinados, já de antemão, a investimentos sociais. Já tinha aprovado as medidas e um juiz as declarara válidas.

Como não mencionava a palavra nacionalizar, pensei que tivesse medo do próprio conceito, o que não me estranharia, uma vez que Correa era um economista formado com grandes méritos em uma conhecida universidade dos Estados Unidos. Não me ocupei muito em aprofundar a questão e preferi assediá-lo com perguntas sobre o arsenal acumulado na luta contra a dívida externa da América Latina em 1985 e a própria experiência cubana.

Existem investimentos de risco sumamente altos e sofisticados do ponto tecnológico, que um país pequeno como Cuba ou o Equador jamais poderia assumir. Como já em 2006 estávamos decididos a dar impulso a revolução energética, e Cuba foi o primeiro país do planeta a declarar a questão como vital para a humanidade, dei ênfase especial ao tema durante o nosso encontro. Mas depois me detive, pois já compreendera uma de suas razões.

Contei-lhe sobre a conversa que havia mantido, há pouco tempo, com o presidente da empresa espanhola REPSOL. A mesma, associada a outras empresas internacionais, estava prestes a deflagrar uma operação dispendiosa para perfurar o fundo do mar a mais de 2.000 metros de profundidade, com emprego de sofisticadas tecnologias, em águas territoriais de Cuba. Eu disse ao chefe da empresa espanhola: "Quanto vale um poço exploratório? Faço-lhe esta pergunta porque queremos participar nem que seja com um por cento das despesas, queremos estar a par do que pretendem fazer com o nosso petróleo.

Correa, por sua vez, me contara que, de cada cem dólares que extraíam as companhias no Equador, somente vinte dólares iam para o país; nem sequer entravam no orçamento, segundo explicou, e ficavam em um fundo a parte para serem utilizados em qualquer coisa menos na melhoria das condições de vida do povo.

"Eu acabei com o fundo", disse, "e destinei 40 por cento à educação e saúde, ao desenvolvimento tecnológico e ao transporte, e o resto para recomprar a dívida, se o preço da mesma nos favorecesse, ou, caso contrário, para investi-lo em outra coisa mais útil. Antes tínhamos que comprar, a cada ano, uma parte dessa dívida cada vez mais cara."

"No caso do Equador", explicou-me, "a política do petróleo beirava uma traição a pátria". E por que o fazem?, perguntei-lhe. Por medo aos ianques ou por que a pressão é muito grande? Respondeu-me Correa: "Se um Ministro da Economia lhes diz que com a privatização melhora a eficiência, você pode imaginar. Mas eu não fiz isso".

Estimulei-o a continuar falando e ele me explicou com calma. "A companhia estrangeira Oxy rompeu o contrato que, de acordo com a lei equatoriana, teria então que ser suspenso. Significa que o campo operado por essa empresa deveria passar para o Estado; mas, por pressão dos ianques, o governo não se atrevia a ocupá-lo, criando uma situação não prevista na legislação. A lei diz que o contrato caduca e ponto final. O juiz de primeira instância, que era presidente da PETROECUADOR, assim o fez. Eu era membro da PETROECUADOR e fomos convocados para uma reunião de emergência, a fim de expulsá-lo do cargo. Eu não participei, assim não puderam despedi-lo. O juiz declarou a caducidade do contrato."

Que queriam os ianques? perguntei. "Queriam que se pagasse uma multa", explicou Correa rapidamente. Ao ouvi-lo, percebi que o havia subestimado.

Eu estava apressado, devido a inúmeros compromissos. Convidei-o a presenciar o encontro com um numeroso grupo de profissionais cubanos, altamente qualificados, que partiriam para a Bolívia, a fim de se integrar à Brigada Médica, que conta com pessoal suficiente para trabalhar em mais de 30 hospitais, entre outros, 19 equipes cirúrgicas com capacidade para realizar mais de 130 mil operações oftalmológicas por ano; tudo sob a forma de cooperação gratuita. O Equador dispõe de três centros similares com seis equipes oftalmológicas.

O jantar com o economista equatoriano Correa aconteceu no início da madrugada de 9 de fevereiro de 2006. Foram poucos os pontos de vista que não abordei. Falei-lhe até do mercúrio, tão nocivo, que as indústrias modernas espalham pelos mares do planeta. O consumismo foi, evidentemente, um tema enfatizado por mim; o alto custo do kilowatt/hora nas termoelétricas; as diferenças entre as formas de distribuição socialista e comunista, o papel do dinheiro, os trilhões que se gasta em publicidade, pagos, forçosamente, pelos povos nos preços das mercadorias. Mencionei também os estudos realizados por brigadas sociais universitárias que levantaram, nos 500 mil núcleos da capital, o número de pessoas idosas que viviam sozinhas e expliquei-lhe a etapa da universalização dos estudos universitários em que estávamos envolvidos.

Ficamos muito amigos, embora ele talvez tenha levado consigo a imagem de que sou auto-suficiente. Se isso aconteceu, foi realmente involuntário de minha parte.

Desde então observei cada um de seus passos: processo eleitoral, enfoque dos problemas concretos dos equatorianos e vitória popular sobre a oligarquia.

Na história de ambos os povos há muitas coisas que nos unem. Sucre* sempre foi uma figura extraordinariamente admirada, junto a do Libertador Bolívar, sobre o qual disse Martí que aquilo que ele não pode fazer na América ainda está para ser feito e quem, nas palavras de Neruda, desperta a cada cem anos.

O imperialismo acaba de cometer um crime monstruoso no Equador. Bombas mortíferas foram lançadas de madrugada contra um grupo de homens e mulheres que, quase sem exceção, dormiam naquele momento. É o que se deduz de todos os informes oficiais emitidos desde o começo. As acusações concretas contra esse grupo de seres humanos não justificam a ação. Foram bombas ianques, guiadas por satélites ianques.

Absolutamente ninguém tem direito de matar a sangue frio. Se aceitarmos esse método imperial de guerra e barbárie, bombas ianques dirigidas por satélites podem cair sobre qualquer grupo de homens e mulheres latino-americanos, no território de qualquer país, haja guerra ou não. O fato de que ocorreu em terra comprovadamente equatoriana é um agravante.

Não somos inimigos da Colômbia. As reflexões anteriores demonstram o quanto nos esforçamos, tanto o atual Presidente do Conselho de Estado de Cuba como eu, em nos atermos a uma política declarada de princípios e de paz, praticada há anos em nossas relações com os demais Estados da América Latina.

A situação atual, quando tudo está em risco, não nos torna beligerantes. Somos partidários decididos da unidade entre os povos daquela que Martí chamou de Nossa América.

Manter o silêncio nos tornaria cúmplices. Hoje, querem levar nosso amigo, o economista e presidente do Equador, Rafael Correa, ao banco dos réus, algo que não podíamos sequer imaginar naquela madrugada de 9 de fevereiro de 2006. Naquele momento, parecia que a minha imaginação era capaz de abarcar sonhos e riscos de todo tipo, menos algo semelhante ao que ocorreu na madrugada de sábado, dia 1º de março de 2008.

Correa tem em suas mãos os poucos sobreviventes e o resto dos cadáveres. Os dois corpos que faltam são a prova de que o território do Equador foi ocupado por tropas que cruzaram sua fronteira. Ele pode exclamar, agora, como Emile Zola: Eu acuso!

Fidel Castro Ruz

Março 3 de 2008

*Um dos líderes da luta pela libertação da América espanhola no séc. 19.